

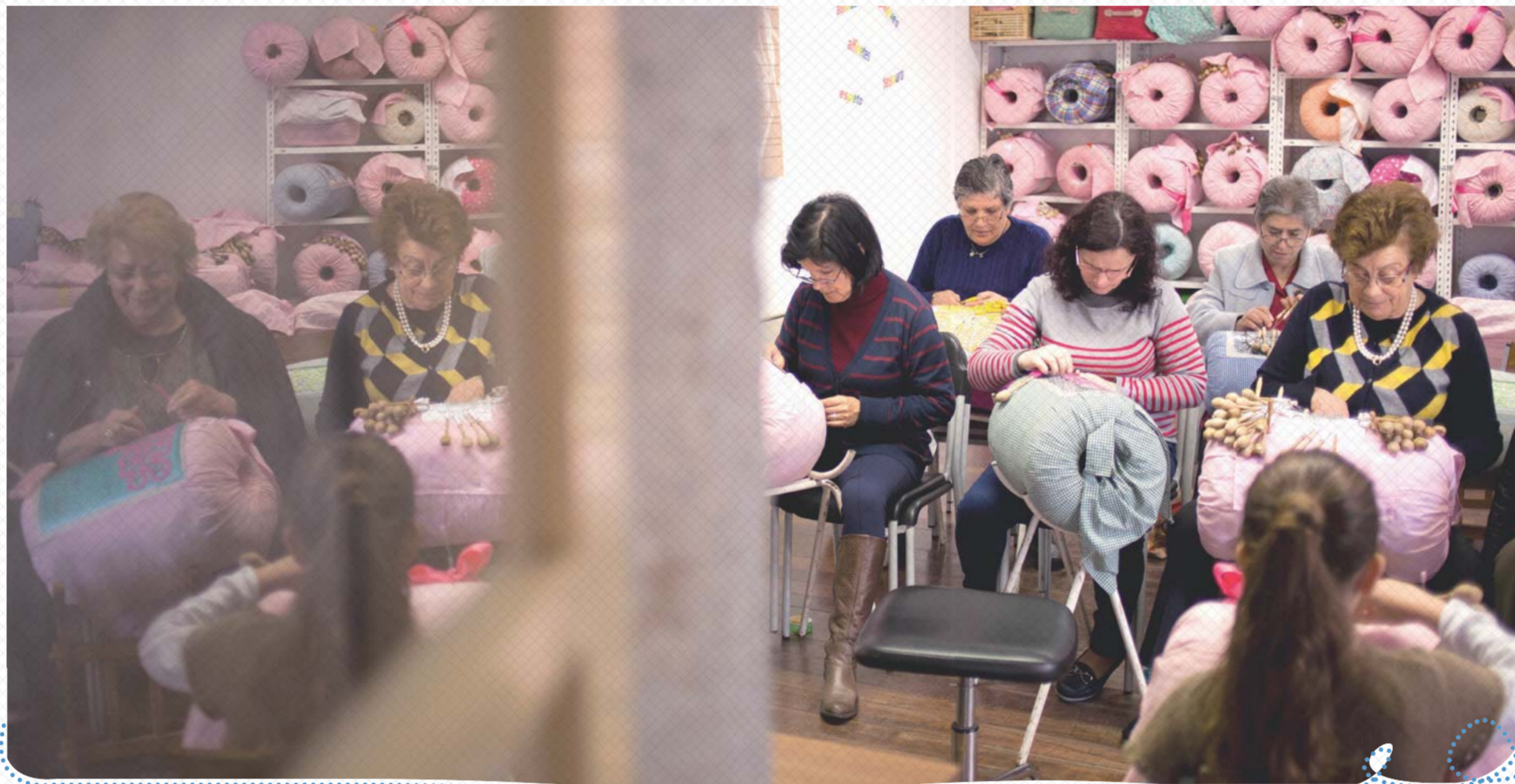
APRENDIZADO

# Lições de rendas

Em Peniche e Vila do Conde, a preservação das rendas de bilros acontece também por meio de escolas municipais destinadas a quem deseja aprender ou aperfeiçoar a técnica. Há, ainda, uma experiência inédita em Portugal: na Escola Secundária José Régio, o artesanato é opção profissionalizante para alunos vilacondenses



FOTO: J. PEDRO MARTINS



## Aberta à criatividade

O apreço pelas rendas de bilros em Vila do Conde é tanto que, em 1919, foi criada uma Escola de Rendas. Por lá, passaram importantes mestras deste saber, a exemplo da pioneira Julieta de Castro Estrela. Hoje, quem divide o conhecimento com as alunas, das pequenitas às mais idosas, é Isabel Maria Almeida Carneiro, 50 anos, monitora da nova Escola de Rendas de Bilros da cidade, criada em 2013, com acesso gratuito. Paciente com as limitações que cada uma enfrenta, seja por nunca ter rendilhado ou mesmo deixado a almofada de lado por algum tempo, Isabel ensina sempre com dedicação. O espaço físico é pequeno, mas material para trabalhar não falta. O capricho está explícito nas almofadas revestidas com tecidos padronizados. Algumas têm grandes laços com fita de cetim,

ressaltando a vaidade das rendilheiras. É comum o interesse das crianças pelas rendas, sobretudo entre as de 4 a 6 anos, antes de ingressarem na escola regular. Depois disso, explica Isabel, com tempo mais curto, elas passam a ir apenas nas férias, quando a Escola permanece aberta para atender à demanda. Contudo, ao chegarem à adolescência, perdem o entusiasmo, o qual vai ser retomado na fase adulta. A monitora percebe que quem quer respostas imediatas e não tem muita paciência. Atualmente, frequentam o espaço 26 jovens e senhoras e 32 crianças, entre elas um menino de 9 anos. Com essa integração, as rendas vão se perpetuando e, ao mesmo tempo, renovando-se. Afinal, são gerações diferentes, porém dispostas a preservar uma das identidades culturais de Vila do Conde.



FOTO: J. PEDRO MARTINS

## Disciplina vocacional no currículo

A luta insistente de Teresa Pimenta para ensinar aos jovens o ofício de rendilhar ganhou mais um capítulo em setembro de 2014. Alunos da Escola Secundária José Régio (ESJR), em Vila do Conde, passaram a ter a "Renda de bilros" entre as opções de disciplinas vocacionais, com aplicação de notas. A indicação de Teresa como professora desta turma pioneira representa feliz coincidência: sua avó, Julieta de Castro Estrela, foi fundadora e primeira professora da Escola de Rendas de Bilros de Vila do Conde, em 1919. Antes, a José Régio adotava o artesanato nas aulas extracurriculares. Após a inclusão da arte no currículo oficial, Teresa costuma ser questionada se o ofício é lucrativo. Ela responde que um só trabalho possibilita vários preços. "Com o mesmo desenho, posso fazer três ou

quatro preços diferentes, basta saber usar os pontos e escolher a matéria-prima". A partir das experiências em sala de aula, a rendilheira defende que, por meio do artesanato, pode-se também repassar conhecimentos de matemática, português e geometria. "O ensino, em geral, é muito mecanizado, mas eu tento não mecanizar. Fazer rendas não é difícil. É basicamente o cruzamento sucessivo de quatro fios", explica. Na primeira turma (fotos), a adesão de 50 alunos, entre 16 e 18 anos, com participação ativa do sexo masculino, surpreendeu a professora. A experiência foi tão bem-sucedida que prosseguiu com outros 25 jovens neste ano letivo (2015-2016). Na Escola, Teresa ainda ensina rendas à turma de necessidades educacionais especiais, com 14 alunos, incluindo dois autistas.



Exemplos para promover e perpetuar a tradição das rendilheiras em Portugal não faltam. A luta é permanente, e as escolas voltadas para as rendas são grandes trunfos tanto em Peniche quanto em Vila do Conde. Antigamente, a iniciação no ofício era, com raras exceções, realizada por tradicionais mestres.

Em Vila do Conde, a primeira experiência foi implantada em 1919, com a Escola de Artes e Ofícios, quando rendilheiras passaram a produzir, com melhor qualidade, obtendo, assim, maior visibilidade. Agora, uma nova escola, mantida pela Câ-

mara Municipal, está de portas abertas para quem deseja aprender ou aperfeiçoar o ofício.

Funciona na Casa do Vinhal, o mesmo local da antiga escola e também sede do Museu das Rendas. Segundo Ivone Pereira, diretora do equipamento, "a nova escola foi criada para não deixar morrer esta tradição tão arraizada em nossa cidade".

Outra experiência inédita em Vila do Conde acontece na Escola Secundária José Régio (ESJR), do Governo Português. Desde 2014, está sendo ofertada a disciplina vocacional "Rendas de bilros". Conforme o diretor, António Almeida, a inclusão da disciplina no currículo ofi-

cial veio ao encontro da filosofia da instituição, que é valorizar a cultura e identidade do povo vilacondense. "As rendas sempre fizeram parte da nossa história, precisamos preservá-las", refor-

**Com métodos que alternam técnica tradicional e inovação, Portugal dissemina o ensino das rendas entre crianças, jovens e senhoras**

ca. As aulas despertaram também o interesse de alunos especiais e de jovens com diferentes conflitos internos, muito comum nesta faixa etária, segundo a professora Teresa Pimenta.

A inovação dá prosseguimento à experiência anterior, entre 1975 e 2013, quando as rendas integravam as atividades extracurriculares da ESJR. "Funcionava como um clube, sem notas e participava quem desejasse", recorda António.

Em Peniche, a Escola Municipal de Rendas, mantida pela Câmara Municipal, é uma das iniciativas bem-sucedidas para salvaguardar este símbolo da cidade. "Prestamos serviços

inerentes à aprendizagem e ao aperfeiçoamento das rendas de bilros, bem como das técnicas e dos processos como o desenho e a cerzadura", ressalta Jorge Amador, vice-presidente da Câmara Municipal.

Seja na sede ou em comunidades rurais, mulheres de todas as idades, inclusive crianças, reúnem-se em torno da tradição. A maioria das senhoras continua produzindo no estilo tradicional, com desenhos complexos e linhas finas, enquanto jovens investem em novas formas e matérias-primas. Dessa maneira, a Escola preserva o saber e abre espaço para outras possibilidades.



## Aulas de história

A troca de experiências entre adultos e crianças na Escola Municipal de Rendas de Bilros de Peniche está mudando, ou melhor, inovando este capítulo da história. "As rendilheiras antigas ajudam as iniciantes, embora a forma de trabalhar seja diferente. As crianças, por exemplo, preferem tecer com fios mais grossos e coloridos, enquanto as senhoras permanecem com as tradicionais linhas finas e, geralmente, na cor branca", explica a monitora Cristina Santos, 48 anos.

Nas almofadas, jovens experimentam vários tipos de matérias-primas: linhas finas, grossas, coloridas, metalizadas, fitilhos, trapilhos, tiras de tecidos, rafia e até lã. Nesse caso, foi preciso substituir os alfinetes por palitos de madeira (tipo espetinho de churrasco) no desenvolvimento do produto.

Para penichenses que desejam aprender, não somente a rendilhar, mas a cerzir ou mesmo a desenhá-la e trama, também é possível na escola mantida pela Câmara Municipal. Destinada ao ensino e aperfeiçoamento, é gratuita e funciona de segunda-feira a sábado, no período diurno. Nas quartas-feiras, o atendimento é prorrogado até a noite a fim de atender quem não tem disponibilidade durante o dia. No local, também são vendidos produtos feitos por alunos.

Herdeira de várias oficinas que funcionavam na cidade, a Escola foi fundada em 1987 e acolhe mais de 100 pessoas, inclusive presta serviço descentralizado na zona rural do Concelho.

A procura aumenta nas férias, quando os ateliês de inverno e verão recebem cerca de 60 crianças. Em geral, essa faixa etária prefere fazer peças menores e acessórias, a exemplo de brincos, pulseiras e aplicações. Apesar das inovações, a Escola trabalha para salvaguardar a tradição das rendas em Peniche, feitas, sobretudo, com linhas finas e desenhos com maior complexidade.